

EDITORIAL

Abrimos mais uma nova edição da Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais (RMSDE) do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Espaço Urbano (MSEU), que está disponível no site <<http://www.revista.ufpe.br/revistamseu/index.php/revista>> da Universidade Federal de Pernambuco. Nesta primeira publicação semestral do quinto ano da revista, apresentamos com muita satisfação artigos científicos e ensaios com contribuições na temática de produção do espaço geográfico.

Os estudos, em seu conjunto, elucidam que o espaço não é uma matéria inerte, um mero suporte das relações travadas entre os indivíduos, mas que é, ao mesmo tempo, parte constitutiva das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por narrativas retóricas e representações, revestindo-se de simbologias e participando, também, da construção de identidades.

Assim, o número em questão vem dar continuidade ao debate acadêmico em relação ao complexo mosaico do espaço geográfico. E, partindo da interdisciplinaridade, busca mobilizar e difundir novos conhecimentos com uma visão integradora do complexo processo de produção do espaço, transpassando a visão técnica instrumental e linear da realidade. Neste sentido, o número em epígrafe, assim como todos os anteriores de nossa revista, está baseado numa noção de ciência que conversa com a filosofia engajada no diálogo de saberes, o que possibilita a criação de novas modalidades hermenêuticas da relação do humano com o humano e com o não-humano na dinâmica espacial. Portanto, não se trata, aqui, de artigos que versarão apenas sobre uma perspectiva do saber, mas de trabalhos que nos levam, no universo do conhecimento, em direção ao que Enrique Leff chamou de revolução copernicana do saber. Ou seja, o logocentrismo da ciência se abre em direção ao infinito dos saberes. Em direção aos saberes que haviam sido esquecidos, nas bases da modernidade, no espaço negro do “não-conhecimento”.

Diante do que se acabou de colocar, com o intuito de incentivar a divulgação de conhecimento, a RMSDE, também, é um espaço aberto e democrático que instiga a reflexão de estudantes da graduação, pós-graduação, pesquisadores e diferentes atores, presando sempre na manutenção da qualidade dos trabalhos publicados.

Assim, nesta edição número 1 do volume 5, a RMSDE contempla diversos artigos em seus quatro eixos: Movimentos sociais na cidade e no campo; Produção do espaço: atores, instrumentos e conteúdos; Planejamento e gestão, políticas públicas e cidadania; Sociedade e natureza, questão ambiental e desenvolvimento territorial sustentável. A seguir são apresentados os trabalhos que se valeram de uma pluralidade de abordagens teóricas em contexto regional, nacional e internacional a partir de experiências no Brasil e na Itália.

No primeiro eixo temático da RMSDE, **Movimentos sociais na cidade e no campo**, o artigo Justiça ambiental: uma tarefa difícil em contexto territorial de ausência do espaço do cidadão, de autoria de Cláudio Jorge Moura de Castilho, fundamenta-se na

problemática relacional para demonstrar que a justiça ambiental é uma conquista social que só pode acontecer quando se tem acesso, primeiramente, ao *espaço do cidadão*, ou seja, pela concretização dos direitos civis, políticos e sociais, no âmbito de um contexto histórico-geográfico efetivamente democrático. A revisão da literatura acerca dos conceitos norteadores da discussão, associada a informações extraídas de experiências empíricas e, ao mesmo tempo, do estado da arte relativo à questão levantada constituem as principais fontes da discussão ora empreendida.

No segundo eixo temático, **Produção do espaço: atores, instrumentos e conteúdos**, há quatro artigos. O primeiro, De-crescer as periferias: práticas e ferramentas de planejamento para a regeneração de Librino, Catania, de Filippo Gravagno, Giusy Pappalardo e Mirko Maccarronello, discutem alternativas para regenerar novas periferias urbanas com o objetivo de superar a crise econômica e cultural que afeta as sociedades ocidentais, tendo-se agravado durante a última década. Servem de base à argumentação dos autores as reflexões sobre a realidade de Librino, uma periferia localizada na área metropolitana de Catania (Sicília-Itália) a qual, concebida de acordo com os princípios de modernidade dos anos 70 do século passado, revelou-se ao longo dos anos como problemática na medida em que, por exemplo, ainda há falta de serviços urbanos na área. Os autores partiram da hipótese de de-crescimento a fim de investigarem como os construtores de periferias urbanas poderiam colaborar ativamente com os cidadãos, para definir os requisitos reais e demandas, criando espaços de interação.

No segundo, A cidade: uma leitura geográfica da paisagem urbana da metrópole pelo Pina, Recife – PE, Julio César Félix da Silva, Edvânia Torres Aguiar Gomes e Mariana Zerbone Alves de Albuquerque tratam da cidade como *locus* da sociedade, mormente da metrópole, por reunir as melhores condições quantitativas para a realização da vida humana. Mas, ao mesmo tempo, a metrópole é vista como lugar privilegiado para a reprodução do capital, implicando no desenvolvimento combinado e desigual das relações de produção, assim como na apropriação dos espaços da cidade pela sociedade. Isso porque, segundo os autores, o solo urbano e a moradia constituem mercadorias regidas pelos interesses de um mercado fundiário e imobiliário perversos, que distribuem de forma desigual a terra urbana, provocando conflitos e contradições entre as classes sociais. Trata-se, portanto, de um estudo que, ainda segundo os autores, objetivou desenvolver uma leitura geográfica da metrópole à luz da paisagem urbana do Pina, Recife-PE, visando à compreensão da natureza da realidade social urbana no processo de produção da cidade. Desse modo, a pesquisa alicerçou-se em um viés crítico e dialético, com o aporte das modalidades de pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa.

No terceiro, Produção desigual do espaço urbano: o Coque fragmento da cidade do Recife-PE, Jackeline Camboim e Evânia Gomes abordam o espaço urbano no âmbito de uma visão de produção capitalista tendo por foco o processo de produção desigual da cidade do Recife-PE a partir da análise do caso do território Coque. Elas partem do fato de que, ao longo dos anos, os moradores deste território vêm lutando pelo direito à

cidade. Conceitos de produção do espaço urbano e de desigualdades socioespaciais dialeticamente decorrentes dessa produção compõem a dimensão teórica deste estudo. Isso para refletir sobre a produção desigual do espaço do Coque, utilizando-se da revisão bibliográfica sobre o assunto numa perspectiva de abordagem exploratória. Os resultados, segundo as autoras, mostraram que o espaço urbano é produto dos interesses capitalistas, promovendo a desigualdade socioespacial.

No quarto, Ações de responsabilidade social como elemento da governança em complexos imobiliários: quais as intencionalidades na Reserva do Paiva, Adauto Gomes Barbosa aborda as ações de responsabilidade social no complexo imobiliário Reserva do Paiva, apontando seus limites, desafios e incongruências entre o que se propõe e o que de fato se coloca como prioritário na governança do referido complexo imobiliário. Sobre tais ações o autor aponta três questões de fundo: a) são necessárias para as boas externalidades de vizinhança; b) fazem parte do marketing social das empresas; e, c) criam novos arranjos institucionais. Desse modo, ele analisa as ações de responsabilidade social no entorno da Reserva do Paiva, como a construção da agenda 21 local, papéis da vida, costurando vidas, ponte para a educação, construção do centro de capacitação de Itapuama, ações de empreendedorismo social, dentre outras. O autor conclui seu artigo sustentando que, malgrado tenham importância pontual, as ações apontadas servem mais para lastrear as estratégias de consolidação do negócio imobiliário do que propriamente para a transformação estrutural da realidade social das populações do entorno.

No terceiro eixo temático, **planejamento e gestão, políticas públicas e cidadania**, há dois artigos. No primeiro, A nova reforma da administração do poder local português ou a arte diabólica neoliberal de governar o espaço-capital, Luís Mendes procura demonstrar como a visão ascendente do *bottom-up* proposta pela suposta “descentralização” levada a cabo na reforma da administração do poder local português dos últimos anos, na verdade, aparece como uma estratégia de governamentalidade e de governança ao serviço de uma microgeografia do poder neoliberal. Isso porque, na medida em que penetra na sociedade civil, o neoliberalismo contamina o tecido socioeconómico do espaço regional através dos chamados poderes difusos, a favor de novas técnicas de governamentalidade, de que os orçamentos participativos, a cidadania participativa e as metodologias de planeamento *bottom-up* são o melhor protótipo, enquanto dispositivos e práticas de uma pretensa descentralização. Todas estas estratégias são, na visão do autor, subvertidas pelos poderes neoliberais de forma a produzirem um consenso social que leva ao pensamento único hegemônico, ele próprio tributário da emergência da sociabilidade neoliberal cada vez mais individualista, mascarada de ação cívica, empreendedorismo e empoderamento.

No segundo, Os entraves da mobilidade urbana em Goiânia: o não lugar do cidadão, Eliani de Fátima Covem Queiroz aborda a questão da mobilidade urbana em Goiânia,

partindo da reflexão que envolve os conflitos sociais nas metrópoles brasileiras, destacando o que impede as pessoas mais pobres de ter acesso aos serviços públicos essenciais, de desenvolver suas capacidades e exercer seus direitos quando não conseguem andar pela cidade. A autora considera o papel das políticas urbanas nessa discussão, a partir da criação do Estatuto das Cidades e da consolidação dos Planos Diretores, centralizadores das definições sobre a gestão urbana em diversas áreas, como a dos deslocamentos, regida pela Política Nacional de Mobilidade Urbana.

No quinto eixo temático, **Sociedade e natureza, questão ambiental e desenvolvimento territorial sustentável**, há dois artigos. No primeiro, Por uma gestão ambiental integrada na mariscagem /pernambucana, Bruno Marcel Carneval de Oliveira, Cláudio Jorge de Moura Castilho e Soraya Giovanetti El-Deir analisaram a gestão e as ações relativas à atividade da coleta de moluscos, conhecida como mariscagem, em três municípios no litoral norte do estado federado de Pernambuco, situados em Áreas de Proteção Ambiental (APA). Foram levantados i) dados secundários em literatura científica, tais como livros e artigos científicos, bem como em documentos oficiais, relatórios, entre outros; ii) dados primários por meio de entrevistas com representantes governamentais, da sociedade civil, assim como observações in loco. A análise, de caráter avaliativo, foi realizada por meio da triangulação de métodos que permitiu evidenciar, como resultados, a falta de gestão integrada na região entre os setores de meio ambiente e pesca, bem como ausência de projetos e programas específicos para o setor da mariscagem e de profissionais qualificados atuantes nas secretarias. Os autores concluem sua abordagem sustentando que existem divergências entre a percepção das comunidades locais e suas reais necessidades, bem como disputas políticas abrangendo os envolvidos no processo da gestão da mariscagem. Daí defendem a necessidade de haver uma melhor articulação entre os municípios integrantes das APA, o desenvolvimento de ações e políticas socioambientais que visem integração na gestão ambiental dessas áreas legalmente protegidas beneficiando os profissionais da mariscagem no âmbito de efetiva Educação Ambiental.

No segundo, Modernismo e engenharia hidráulica como estratégias de desenvolvimento: o caso das vias navegáveis do Vêneto em um novo estado italiano (1866-1966), Francesco Vallerani trata da gestão do sistema de águas doces de superfície considerando-o como uma das questões relevantes na organização eficaz dos Estados modernos. Segundo ele, a retórica tecnocrática específica foi-se espalhando, para promover a governança da rede hidrográfica e drenagem de água e recuperação que tinha papel de liderança no reforço do nacionalismo crescente em toda a Europa a partir do final do século XIX. Desde o final da Idade Média, a região do Vêneto (Itália) foi afetada por interesses crescentes de Veneza visando conseguir uma nova política hidráulica baseando-se na melhoria geral da rede fluvial, para a navegação. Durante as primeiras décadas do Reino Italiano (particularmente desde 1866), a expansão dos planos de recuperação e ações tinham relações frutíferas com o

transporte de água e a melhoria da irrigação. No final do século XIX, a navegação interior na Itália tornou-se uma das questões proeminentes do desenvolvimento da economia nacional e, particularmente, sob a perspectiva de que uma boa gestão das vias navegáveis de Veneza poderia auxiliar a drenagem da planície e a recuperação das zonas húmidas. As operações de modernização tiveram seu início no final do século XIX, tendo-se desenvolvido após a primeira guerra mundial, em uma atmosfera caracterizada pela proliferação de extensos planos de regeneração urbana envolvendo muitas cidades italianas. Durante a Segunda Guerra Mundial, a maioria das infra-estruturas italianas foi fortemente danificada e, no segundo pós-guerra, a recessão econômica não permitiu a realização da manutenção contínua e eficiente do sistema de hidrovias nos espaços do entorno de Veneza, a grande metrópole do nordeste italiano. O declínio dos transportes por vias navegáveis foi seguido pela decadência funcional de algumas paisagens fluviais e de canais, implicando na perda dos valores simbólicos e memoriais das waterscapes venezianas. Durante as últimas décadas do século XX, considerou-se a valorização do significado histórico e cultural das paisagens fluviais e urbanas. Atualmente, segundo ainda o autor, lida-se com a herança hidrográfica bem definida e, ao mesmo tempo, se está pronto para ampliar a consciência da relevância dos valores turístico e recreativo dos cursos de água.

Este número ainda possui um **Ensaio**, intitulado *El movimiento por la vivienda como práctica* antiracista. La perspectiva de la ciudad mestiza contra la ciudad hostil en Italia, no qual Gennaro Avalloni sustenta que as pesquisas realizadas na Italia sobre o tema mostram que as condições de acesso à habitação, para os migrantes, tornaram-se cada vez mais difíceis, no curso dos últimos anos, especialmente em contextos metropolitanos. E que, apesar da hostilidade crescente das políticas do Governo central com relação a iniciativas sociais autônomas, uma parte da população urbana afetada tem respondido à crise das suas condições de vida de maneira coletiva e superando os vínculos de pertencimentos nacionais, organizando processos de reaproximação e defesa do direito à moradia e à cidade. Este texto baseia-se em resultados de estudos de uma rede de movimentos sociais que se estruturou no período de crise econômica-financeira, que se chama *Abitare nella crisi* (*Habitar na crise*). A discussão, diz o autor, aconteceu através da análise de documentos públicos produzidos pela rede e da realização de entrevistas com ativistas do movimento, evidenciando o valor antiracista do caráter plurinacional e mestiço inerente ao movimento, em contexto em que há tendências de separação política e social baseada na nacionalidade e no desconhecimento das respostas autônomas e organizadas pelas necessidades básicas das instituições políticas.

De tal modo, o presente número é vasto e os artigos com os quais este se constituiu, tornaram-no um número sólido produzido por muitas mãos e mentes. Nós, enquanto editores, temos aprendido muito durante o processo de leitura e organização do presente número. Cabe-nos, agora, apenas desejar que seus leitores venham a aprender, senão o mesmo tanto, pelo menos algo dele. Se assim o fizerem, isso significará que teremos sido bem-sucedidos em transmitir-lhes aquilo que tantos estudiosos produziram.

Finalmente, o grupo MSEU espera que as temáticas abordadas nesta edição contribuam na construção do conhecimento, na discussão e reflexão crítica das temáticas da revista, e continuamos convidando a estudantes e pesquisadores para lerem e divulgarem seus trabalhos na revista, abrindo assim o espectro do debate.

Esperamos que esta edição seja para seu deleite, boa leitura!!!

Diana Carolina Gómez Bautista e Ítalo Cesar de Moura Soeiro

Recife, Inverno de 2016.